

## DIÁLOGOS E TRADUÇÕES CULTURAIS DOS FRANCISCANOS ALEMÃES EM MATO GROSSO

Jérri Roberto Marin\*

**RESUMO:** O artigo analisa os diálogos e traduções culturais dos Franciscanos alemães, da Província de Santa Isabel, da Turíngia, em Mato Grosso. O exílio forçado pelas perseguições e a dispersão pelo mundo os colocou como sujeitos de diásporas. Como exilados, atravessavam fronteiras, rompiam com as barreiras do pensamento e da experiência. Os indivíduos nos entrelugares negociam, constroem-se e reconstróem-se o tempo todo. O Brasil era conhecido como um país “exótico”, pobre, abandonado, de atraso religioso, povoado por raças inferiores, de grande extensão territorial, que reunia inúmeras potencialidades econômicas e ainda era virgem. Nas autorrepresentações criadas acerca dos missionários, reforçavam-se as imagens de apátrida, de errante, daquele que atravessa fronteiras e torna as divisões do mundo em Estados Nacionais como contingentes e provisórias diante de outra *comunidade* global, a cristã. Seriam desbravadores destemidos dos sertões, das florestas bravias, do pantanal e das terras inóspitas. Eram eles que domesticariam os indígenas sem lei e Deus, a natureza, e civilizariam os mato-grossenses.

**Palavras-chaves:** Alteridades. Identidades. Diálogos culturais.

## DIALOGUES AND CULTURAL TRANSLATIONS OF THE GERMAN FRANCISCANS IN MATO GROSSO

**ABSTRACTS:** The article analyzes the dialogues and cultural translations of the German Franciscans, from Saint Isabel's province, Turinge, in Mato Grosso. The forced exile due to persecutions and the dispersion through the world made them subjects of diaspora. As an exiled people, they crossed borders, broke up with the barriers of thought and experience. People in the inter-places negotiate, built and rebuilt themselves all the time. Brazil was known as an “exotic”, poor, abandoned country, of religious delay, populated by inferior races, of great territorial extension, that gathered countless economic potentialities and was still virgin. In the self-representations made concerning the missionaries, images of stateless, wandering persons were reinforced, of those that cross borders and turn the world division in National States as contingents and temporary before other *global community*, the Christian one. They would be fearless explorers of the inner land, the wild forests, the *pantanal* and the inhospitable lands. They would domesticate the lawless and godless natives, the nature, and they would civilize the *mato-grossenses*.

**Keywords:** Alterities. Identities. Cultural dialogues.

Degredos, desterramentos, exílios, deportações, banimentos, diásporas e outras formas de deslocamentos voluntários ou involuntários, legais ou ilegais sempre existiram na história da humanidade. Na contemporaneidade, somos interlocutores de uma acelerada interdependência global, que atinge de forma desigual as diferentes regiões do planeta. As motivações das diásporas são variadas, tais como pobreza, seca,

---

\* Doutor em História. UFMS. E-mail: [jerrimarin@bol.com.br](mailto:jerrimarin@bol.com.br)

fome, subdesenvolvimento econômico, guerras civis, distúrbios políticos, emergência de governos autoritários, mudanças arbitrárias de regimes políticos, instabilidades das leis e do Direito, dívidas externas, perseguições religiosas, conflitos étnicos, entre outras. Essas pessoas pertencem a diferentes classes sociais, porém predominam as mais pobres. Para Hall, elas acreditam na “mensagem” do consumismo global e deslocam-se para esses locais de onde vêm esses “bens” e onde encontrariam melhores oportunidades de sobrevivência. Elas criam “enclaves” étnicos minoritários no interior dos Estados-Nação, pluralizando as culturas e as identidades nacionais, tornando-as cada vez mais híbridas.<sup>1</sup>

Esse artigo analisa a diáspora de religiosos, os Franciscanos alemães da Província de Santa Isabel, da Turíngia, em Mato Grosso e as ambiguidades das vivências e identidades dos missionários ao experimentarem a condição de estrangeiros, de deslocamento. As perseguições, em virtude da ascensão e consolidação do nazismo na Alemanha, trouxeram inúmeros desafios aos Franciscanos. Para evitar a extinção da Província, os Superiores optaram, embora não o desejassem, pela dispersão, em diferentes países, da maioria dos seus membros. O Mato Grosso, onde se estabeleceram a partir de 1937, tornou-se um desses “lugares de refúgio”.<sup>2</sup> O fluxo diaspórico foi interrompido durante a Segunda Guerra Mundial; no entanto, em 1943, 39 missionários alemães atuavam no Mato Grosso. Na década de 1940, administravam, na arquidiocese de Cuiabá, quatro paróquias, das oito existentes; na diocese de Corumbá, cuidavam de sete das quinze paróquias existentes; e eram os únicos que atuavam na prelazia de Chapada dos Guimarães.<sup>3</sup> No Brasil, a presença dos Franciscanos vinculava-se ao movimento de reforma que o episcopado mato-grossense estava implementando a fim de criar uma Igreja homogênea, centralizada e criar meios para que a instituição se tornasse a mais presente e importante da sociedade.

---

<sup>1</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira. Lopes Louro. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

<sup>2</sup> A Província tinha a missão de Hokkaido, no Japão. Como havia uma restrição à entrada dos religiosos, estes procuraram um novo campo missionário. No Brasil, foram oferecidas as paróquias de Belém, no Pará, e de São Luís, no Maranhão. A Província da Imaculada Conceição, no Rio Grande do Sul, Brasil, cedeu todo o estado de Mato Grosso.

<sup>3</sup> A expansão ao norte do antigo estado de Mato Grosso foi igualmente rápida. Em 1938, Rosário Oeste; em 1939, Chapada dos Guimarães; em 1940, Nossa Senhora da Boa Morte (Cuiabá). Em 1941, foi criada a Prelazia de Chapada dos Guimarães, entregue à administração dos Franciscanos, e foram criadas novas casas em Dourados, Maracaju e Santo Antônio de Leverger. Em Goiás, foi aceita a paróquia de Pirenópolis. Em 1941, foi transferida para Campo Grande a sede do Comissariado dos Franciscanos em Mato Grosso, onde, a partir de 1942, assumiram a Paróquia de São Francisco. Em 1947, assumiram Fátima de São Lourenço. Na década de 1960, os Franciscanos aceitaram outros postos missionários.

Apesar de terem sido forçados a imigrar e das dificuldades de retornar à Alemanha em curto prazo, o exílio não foi visto como um castigo. Os desígnios da Providência Divina e apelos missionários, que faziam parte da realização da ordenação sacerdotal, tornaram essa experiência menos dolorosa, porém repleta de ambiguidades e contradições. Como Abrão, seguiam as determinações de Deus e lançaram-se rumo ao desconhecido: “Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar.”<sup>4</sup> Isso não era vivenciado como punição ou castigo. Porém, estar em seu país, em sua própria casa, é mais confortável que estar em terras estrangeiras. Pertencer a uma “comunidade imaginada” ou ter um lar é sempre um porto seguro e algo confortável, estável, aconchegante, familiar. Os males dessas ausências começaram a ser sentidos antes da partida, quando deveriam selecionar o que levar em suas bagagens, na despedida dos familiares e amigos, e depois na longa travessia marítima e, sobretudo, no Brasil.

O desalento das despedidas foi superado nos desígnios divinos que colocaram os missionários como homens peregrinos que anunciariam o evangelho em terras pagãs, onde a presença da Igreja Católica não tinha se consolidado. Mato Grosso era representado como terra de missão ou “de ninguém”. Era o território do vazio, do desconhecido, espaço ainda não ocupado pela Igreja Católica que deveria ser conquistado. Por não ter sido incorporado pelas instâncias dos poderes do Estado e da Igreja Católica, associava-se ao espaço da desordem, onde o diabo reinava triunfante, tendo como adoradores os indígenas e sertanejos. O esforço missionário consistia em fazer com que a Igreja Católica assumisse a posição de liderança e exclusividade. Para tal, iriam cristianizar as populações, indígenas ou não, e erigir e organizar a Igreja. Terra de missão era estereotipada, sob o ponto de vista dos religiosos, como.<sup>5</sup> O desconhecido incitava a curiosidade, a ambição e os desejos de conquista. O trabalho missionário parecia interminável, pois sempre haveria novos sertões a serem descobertos e anexados. O objetivo era o triunfo definitivo da Igreja em todos os recantos, mesmo nos mais isolados e distantes.

O ideal missionário franciscano revela o desejo de subjugar e de controlar. A *cruz* simbolizava a ordem, em oposição ao desordenamento, e impunha uma

---

<sup>4</sup> Gênesis,1, 12.

<sup>5</sup> ELSING, J., **Entre os rios Paraguai e Paraná: experiências e reflexões de um missionário franciscano no Mato Grosso**, p. 109.

espiritualização do espaço a ser incorporado. Essa consagração equivalia a um novo nascimento, agora sob o domínio da Igreja Católica. O lexema *romanizar* aponta para as tentativas de reeuropeização do catolicismo no Brasil, aspecto que pressupunha homogeneização e hierarquização, uma vez que aquele era um movimento de inspiração conservadora, pelo qual a Igreja tornou-se depositária e guardiã da ortodoxia e da verdade.

Nas autorrepresentações criadas acerca do missionário franciscano, reforçavam-se as imagens de apátrida, de errante, daquele que atravessa fronteiras e torna as divisões do mundo em Estados Nacionais como contingentes e provisórias diante de outra *comunidade* global, a cristã. Ele deveria ser universal, descompromissado com qualquer nacionalismo, pois seu ideal era difundir o reinado de Cristo e do Papa. Seria um desbravador destemido dos sertões, das florestas bravias, do pantanal e das terras inóspitas. Ele domesticaria os indígenas sem lei e Deus, a natureza, e civilizaria os mato-grossenses. Esses ideais exigiriam renúncia de si mesmo, dos seus valores e desvinculação dos laços sociais, familiares e com os locais de origem. O missionário deveria ser obediente, infatigável, corajoso, intrépido e perseverante, pois deveria suportar todos os sacrifícios, abstenções e até a morte para defender o ideal, e muitos franciscanos desejavam o martírio.

O exílio forçado pelas perseguições e a dispersão pelo mundo dos Franciscanos da Província da Turíngia colocou-os como sujeitos de diásporas. Como exilados, atravessavam fronteiras, rompiam com as barreiras do pensamento e da experiência (SAID). Como imaginar a relação dos frades com sua terra de origem, sua identidade nacional e a natureza do seu pertencimento a partir da experiência da diáspora? De acordo com Bhabha, a problemática das identidades deve ser repensada para além da lógica binária e das mútuas exclusões. Para tal, propõe o conceito de *in between*, de espaço intersticial, como o local de negociação cultural onde os indivíduos negociam suas identidades diante das circunstâncias que se apresentam. O autor ainda afirma que nesse processo não ocorre:

[...] simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou “inerentes” de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o

negociar com a diferença do outro revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação.<sup>6</sup>

Assim, os indivíduos nos entrelugares negociam, constroem-se e reconstroem-se o tempo todo. Para o referido autor, essa “passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta”.<sup>7</sup>

Os franciscanos nunca se desligaram totalmente das suas raízes, pois mantiveram fortes vínculos com seus lugares de origem e suas culturas, tradições, histórias e linguagens, assim como as tentativas de preservarem sua identidade cultural alemã, embora essa não seja a única fonte de identificação. Eles tiveram de renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida”, de absolutismo étnico ou de homogeneidade religiosa, pois foram obrigados a negociar com as novas culturas, tradições, histórias e linguagens do Brasil sem serem completamente assimilados. Eles tornaram-se irrevogavelmente *traduzidos*. Segundo Bhabha, é “na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [*nationness*], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados”.<sup>8</sup> Na tradução, o “tradutor é obrigado a construir o significado na língua original e depois imaginá-lo e modelá-lo uma segunda vez nos materiais da língua com a qual ele ou ela o está transmitindo. As lealdades do tradutor são assim divididas ou partidas”.<sup>9</sup> Nesse sentido, para Cardoso de Oliveira, a tradução exprime a ideia de que somos plurais e parciais.<sup>10</sup> Esse processo nunca se completa, é ambíguo e permanece em sua indecidibilidade.<sup>11</sup>

Os Franciscanos foram “[obrigados] a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas”.<sup>12</sup> Eles, quando questionados, reconheciam-se como brasileiros, embora soubessem que nunca seriam um. Nesse sentido, ser alemão e brasileiro não era conflituoso. Porém, a sensação sempre vivenciada era a de *deslocamento*, de não estar em casa. Eles tiveram de “aprender a habitar no mínimo duas

---

<sup>6</sup> BHABHA, Homi. **O local da Cultura.**, p. 74-75.

<sup>7</sup> Ibid., p. 22.

<sup>8</sup> Ibid., p. 20.

<sup>9</sup> MAHARAJ, Sarat. *Perfidious Fidelity*. In: FISHER, Jean (Ed.). **Global visions: towards a new internationalism in the visual arts**. London: Institute of the International Visual Arts, 1994. p. 31. Citado por HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**, p. 41.

<sup>10</sup> CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**, p. 111.

<sup>11</sup> Ibid., p. 74.

<sup>12</sup> Ibid., p. 76.

ou mais identidades, a falar duas ou mais linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas.”<sup>13</sup> Ou seja, sempre há o deslize ao longo de um espectro sem começo ou fim.<sup>14</sup> Eles passaram a pertencer a mais de um mundo, sem pertencerem completamente a nenhum deles. Não tinham um lugar certo ou “casa” e a chegada a algum lugar estável, fixo e confortável sempre foi adiada.<sup>15</sup> A busca para criar um lugar de pertencimento foi constante e suas identidades tornaram-se ambíguas, flutuantes, deslocadas, contraditórias, não resolvidas, cada uma delas influenciando as demais.<sup>16</sup> Os Franciscanos foram obrigados a retrabalharem suas vidas, as metodologias pastorais e a doutrina da Igreja Católica. Foram momentos de luta cultural, revisão e reapropriação. No exílio, a vida é descentrada, desestabilizadora, é levada fora da ordem habitual, segue um calendário diferente, e os hábitos de vida no novo ambiente ocorrem contra o pano de fundo da memória dessas coisas na terra natal, como num contraponto. Por outro lado, vivenciavam um sentimento particular de realização ao agir como se estivessem em casa.

O cenário religioso de Mato Grosso trouxe aos Franciscanos desafios variados. Como se inserir em outro Estado-Nação, como negociar com a hierarquia eclesiástica brasileira, como estabelecer uma pastoral diante de um cenário religioso diferente do alemão e europeu e, por fim, como reconstruir suas identidades e como estabelecer suas negociações culturais? O superior da missão, Eucário Schmitt, diante do fluxo constante de frades que chegavam para trabalhar na missão<sup>17</sup> e da impossibilidade de a maioria das paróquias sustentarem mais de um religioso, por não gerarem rendas, viu-se obrigado a dispersá-los em locais muito distantes uns dos outros e em diferentes circunscrições eclesiásticas de Mato Grosso. Como decorrência, a missão franciscana caracterizou-se pela dispersão espacial, isolamento dos confrades, impossibilidade de manter a vida conventual e pela dificuldade de administrar a missão.<sup>18</sup>

---

<sup>13</sup> HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**, p. 89.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 33.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 415.

<sup>16</sup> SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**, p. 200; HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, p. 415.

<sup>17</sup> Em 15 de outubro de 1938, foi erigido o Comissariado de Mato Grosso.

<sup>18</sup> A paróquia de Entre Rios, atual Rio Brillante, abrangia um território de 50.000 km<sup>2</sup>, e tinha anexas as paróquias de Dourados (20.000 km<sup>2</sup>) e Maracaju (6.000 km<sup>2</sup>). As paróquias de Entre Rios e Dourados foram criadas em 1935 e permaneceram vacantes por falta de padres para provê-las. Em 1938, os Franciscanos assumiram a paróquia de Rio Brillante. Herculânea (atual Coxim), em 1939APPP, Livro Tombo da paróquia de Ponta Porã, p. 90.

Os Salesianos, Redentoristas e a Terceira Ordem Regular de São Francisco que atuavam em Mato Grosso haviam escolhido as paróquias mais populosas e rentáveis e desprezado as demais. Nas disputas pelo mercado religioso católico, os interesses materiais sobrepunham-se, muitas vezes, à cristianização e à expansão institucional. Aos Franciscanos, por se inserirem como sócios menores, foram destinadas as paróquias mais extensas, as recentemente criadas, as que ficaram vacantes durante várias décadas, as com baixa densidade demográfica e que não permitiam a sobrevivência de um único padre. As primeiras paróquias assumidas distavam umas das outras mais de mil quilômetros. Nas paróquias que assumiram, as igrejas matrizes, quando existiam, eram de pequenas proporções e encontravam-se em mau estado de conservação, não tinham alfaias e objetos necessários ao culto.<sup>19</sup> A partir de 1941, assumiram com exclusividade a prelazia da Chapada dos Guimarães. Assumir uma prelazia era vantajoso, pois obteriam o reconhecimento da Santa Sé e, ao mesmo tempo, estabeleceriam uma relação direta com as autoridades civis e eclesiásticas brasileiras. Para superar a escassez de rendas, poderiam obter subvenções da *Congregação de Propaganda Fide* (por ser considerada uma terra de missão), dos governos estadual e federal e de benfeitores estrangeiros. Havia em todo o território da prelazia, que era de 142.000Km<sup>2</sup>, um único edifício religioso. Segundo os franciscanos,

[...] em toda a nova prelazia um vigário não pode viver dignamente. Por isso [em Mato Grosso] toda a coisa é elevada à dignidade de uma prelazia. [...] Isso está certo sob o ponto de vista da cura de almas, porque de outra maneira não poderá atender às necessidades de toda a região da paróquia nem da prelazia.<sup>20</sup>

Desde a chegada ao Mato Grosso, os Franciscanos procuraram aproximar-se daquilo que buscavam compreender e intervir. O homem, a natureza, o cenário religioso e a cultura mato-grossense tornaram-se objetos de observação, reflexão e classificação, com o objetivo de ordenar, dominar, subordinar e remodelar. Esses olhares eram

---

<sup>19</sup> Frequentemente, teias de aranhas, marimbondos e os morcegos assustavam os fiéis durante as missas e rezas. As casas paroquiais encontravam-se em condições precárias: eram insalubres, sem mobília e fechaduras. Na paróquia de Porto Murtinho, que ficou vacante de 1924, quando foi criada, até 1940, havia caixas que serviam de móveis e o fogão era uma lata virada. Em Dourados, a casa que serviu de residência por quinze anos tinha fendas que permitiam a entrada de insetos, répteis, água durante o período de chuvas e pó vermelho durante o período de seca. Ela também não oferecia segurança, devido aos frequentes tiroteios, que obrigavam os frades a dormir, para protegerem-se, embaixo das camas. *Ibid.*, p. 279.

<sup>20</sup> *Chronik der Mission I*, citado por KNOB, P., op. cit., p. 176.

ambíguos, eram estrangeiros e familiares e aproximavam-se da concepção do mundo e de homem que conheciam, embora redefiniram sua própria identidade ao traduzirem-se. Ao fazê-lo, por meio da intervenção modificadora e transculturadora, a região também recebeu modificações no seu caráter original ao incorporar essas representações à sua identidade.<sup>21</sup>

As descrições culturais foram o resultado de experiências partilhadas no convívio com os *outros*, que se tornaram objetos de observação, estudo e análise, pois “o conviver é pautado no observar”.<sup>22</sup> A presença dos missionários é um fato de autoridade, portanto de poder. Esse lugar sempre foi construído de forma autoritária e assimétrica e raramente dialógica. O *outro* foi silenciado, domesticado e ocupava um lugar inferior. Em suas narrativas culturais, a alteridade e as exclusões foram levadas ao extremo, colocando à distância um *outro*, com o fim de distinguirem-se dele e fazerem-se mais críveis.<sup>23</sup> Para frei Elsing, o missionário deveria exercitar seu caráter e inteligência, banir de seus ideais toda a pressa ou inquietação para tornar-se “modesto e pôr de lado todo o espírito de superioridade do próprio europeu.”<sup>24</sup> Porém, na maioria das vezes, não conseguiram desenvolver a aptidão de tolerar a diferença, inventando e estruturando as alteridades, as exclusões e os preconceitos. Entre os religiosos estrangeiros que atuavam em Mato Grosso, os Franciscanos foram os que mais relutaram em aprender a língua portuguesa, aspecto que dificultou às suas ofensivas para reverter a situação de lateralidade do catolicismo na sociedade mato-grossense. Intolerantes, não cessaram de fabricar os *outros* e de deslegitimá-los. Ao mesmo tempo em que se autorrepresentavam como *próximos* dos mato-grossenses, conservavam-se *distantes*, excitando os processos geradores da alteridade. Os franciscanos orgulhavam-se de serem alemães, europeus e católicos, de serem procedentes de uma Nação onde o processo civilizatório era pleno. Esses aspectos os habilitavam a tornarem-se agentes civilizadores. Eles sentiam-se responsáveis por difundir os ideais da Igreja Católica e as realizações da sociedade ocidental, das quais os mato-grossenses estariam excluídos. A

---

<sup>21</sup> O olhar sugere uma reflexão, um diálogo constante com as referências culturais do observador e sua visão de mundo. Essas, diante do novo, podem ser revistas, negadas ou reiteradas. Diante das diferenças, o universo cultural conhecido (alemão/europeu) era reafirmado, colocando-se como central, ou seja, como o mundo da cultura e civilização. Havia um reconhecimento dos valores culturais que se negava àqueles que não se aproximavam desses referenciais. Assim, descobrir o *outro* significava descobrir a si próprio, pois o conhecimento de si baseava-se no prévio conhecimento do *outro*.

<sup>22</sup> ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de. **Jovens indígenas e lugares de pertencimento: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS**, p. 11.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>24</sup> ELSING, J., op. cit., p. 37.

experiência diaspórica e missionária são experiências de contato, que raramente se estabelecem a partir de uma condição de igualdade, mas repletas de tensões não resolvidas, que produzem novas identidades.

O Mato Grosso que os missionários representavam aproximava-se daquelas ideias veiculadas na Europa sobre as regiões desconhecidas e isoladas e de clima tropical. Eles perceberam primeiro as diferenças, *outra* coisa, tão estranha e distinta a eles. As primeiras impressões dos missionários foram de assombro diante delas, sobretudo à claridade, à riqueza de cores da paisagem tropical, às variações climáticas, ao calor, aos diferentes cheiros e odores e à multiplicidade étnica. A natureza era refeita em imagens paradoxais, ambíguas, contrastantes, em que a edenização e a detração, o encantamento e a decepção, a fascinação e o terror alternavam-se, associavam-se e complementavam-se. Ela impressionou-os pela suas particularidades e pela dessemelhança da paisagem europeia. Caracterizaram-na como exuberante, luxuriosa, embriagadora, idílica e, ao mesmo tempo, pobre, perigosa e improdutiva. Aquela natureza parecia não conhecer limites geográficos. O encantamento diante de seu aspecto exótico, traduzido na exuberância da flora e fauna e no seu aspecto selvagem e indômito, levou-os à tendência predominante de edenizá-la. Para os religiosos, a natureza sobrepunha-se ao homem e viam na sua exuberância a confirmação da existência de Deus. Pela diversidade e variedade, foi associada ao paraíso terrestre. Ao detratá-la, descreviam-na como uma porção do território brasileiro onde a terra era improdutiva, repleta de crimes, corrupções, sem lei e justiça e cheia de pragas. Muitos afirmavam que todas as pragas do Egito haviam se refugiado no Mato Grosso para torturar os mortais.<sup>25</sup> A paisagem, a perder de vista, alargava o olhar do observador para além do que estava próximo, num horizonte quase infinito. Essa visão reforçava o estigma de Mato Grosso como uma terra que se mantinha improdutiva por falta de iniciativa dos mato-grossenses em transformá-la. A inexistência de empreendimentos humanos tornava-a tristonha, e até o sol parecia doentio ao exibir uma tonalidade melancólica.<sup>26</sup> Era um “mundão” abandonado, terras que não se acabavam. As dificuldades ambientais seriam obstáculos à ação missionária mais do que desafios a serem superados. Eram elementos externos, desagradáveis, nos quais pouco poderiam

---

<sup>25</sup> BIENNES, M., **Uma Igreja na fronteira**, p. 169.

<sup>26</sup> ELSING, J., op. cit., p. 159.

intervir. Enfim, ao observar a natureza em sua diferença, procuravam conquistá-la e administrá-la em sua exuberância e rudeza.<sup>27</sup>

Mato Grosso, pela localização geográfica fronteiriça com Paraguai e Bolívia, foi associado às imagens de fronteira-sertão. Outro espaço geográfico, simbólico e social. Seria um local ermo, periférico dos centros do poder, despovoado, desconhecido e fora do âmbito da civilização e da nacionalidade. Lugar de atraso técnico, comportamentos antigos, natureza virgem e indomável. O sertão era a negação da cultura, da civilização e da nacionalidade. Era o local propício à ação missionária, que se inseria na marcha rumo ao progresso, à civilização, à construção da nacionalidade e à Igreja romanizada.

Sabe-se que esse isolamento nunca foi absoluto. Mato Grosso estava inserido, embora de forma precária, num circuito global por meio de transações econômicas, de redes de comunicações e de deslocamentos de bens, pessoas e dinheiro. A estrada de ferro e o telégrafo, desde a década de 1920, revolucionaram o fluxo comunicativo e as concepções de tempo e espaço, redefinindo o próximo e o longínquo. O consumo de produtos importados, como armas, rádios, fonógrafos, roupas, pianos, máquinas de costura, remédios, automóveis; a luz elétrica e o telefone aumentam o consumo e o circuito de trocas culturais desterritorializadas.<sup>28</sup> O dinamismo cultural coloca as sociedades umas frentes às outras, criando processos de desterritorialização e de reterritorialização. Por outro lado, o Estado e a Igreja Católica, embora tivessem suas presenças fluidas, nunca foram ausentes. A maioria da população nunca esteve fora da circulação dos bens simbólicos religiosos. Ali, a disputa pelo mercado religioso era acirrada e as opções oferecidas eram variadas, assim como os trânsitos entre as diferentes religiões, o que resultava em hibridações religiosas. Em Dourados, por várias décadas, a maior autoridade religiosa era constituída pelos pajés, aos quais muitos católicos recorriam, gerando um trânsito entre o cristianismo e as culturas indígenas.

Os discursos sobre o homem tinham como base a categoria raça, pela valorização das características biológicas para diferenciar um grupo do outro. Eram marcas simbólicas que demarcavam também diferenças culturais e religiosas. O mato-grossense, pelo isolamento geográfico e cultural, era incivilizado, bárbaro, rústico, resignado, inculto, apático, indolente, violento, sem espírito empreendedor, supersticioso, infenso às normas, à ordem e às leis, desprovido de ambições, iniciativas,

---

<sup>27</sup> Ibid., p. 46.

<sup>28</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, p. 74.

capacidades intelectuais e de aptidão à vida religiosa. Seria mais próximo à natureza do que à humanidade. Por estar privado do uso das faculdades superiores, seria remanescente de uma etapa evolutiva da humanidade. Pertenceria à fase de caçador e coletor, mais próximo aos animais do que aos homens.<sup>29</sup> Sua robustez física foi atribuída ao seu caráter pré-humano e à degenerescência gerada pela miscigenação. Sua ingenuidade aproximava-o das crianças, loucos, índios e dementes. Outras vezes, retratavam-no como tendo uma existência infantil e selvagem, pois era prisioneiro de valores culturais do período colonial. Enfim, vivia num mundo restrito e isolado, reflexo da natureza hostil e da degeneração racial.<sup>30</sup> Nada teria a ensinar e os religiosos temiam confundir-se ou se igualar ao outro cultural.<sup>31</sup> Os missionários atribuíam a si a tarefa de transformar o cenário religioso, de superar a recusa à internalização das normas católicas e de vivência pública da fé e por fim, de despertá-lo da letargia para inseri-lo em estágios superiores de civilização.

O cenário religioso de Mato Grosso foi representado como decadente. A recusa da população em internalizar as normas católicas e de vivenciá-las publicamente foram vistas como o resultado da escassez de padres. Seriam “ovelhas” sem pastor. A ignorância e abandono podiam ser comprovados pelo fato de seus habitantes nunca terem visto um frade e pela reação das pessoas nos primeiros encontros.<sup>32</sup> Para os frades, os mato-grossenses estariam fora do alcance da Igreja Católica e suas manifestações religiosas foram identificadas como fragmentos da religião cristã. Seria uma fé que não priorizava as práticas sacramentais e estava eivada de exterioridades, pois estabelecia uma continuidade entre o religioso e o social. Constantemente, os religiosos recriminavam suas práticas culturais, criticando-os por desconhecerem o sinal da cruz, orações como o Pai-nosso, a Ave-maria e a Salve-rainha e os principais fundamentos da Igreja Católica. Os religiosos queixavam-se de que, durante a confissão, era necessário proceder como se fossem crianças. Era necessário perguntar tudo e rezar junto com o confidente todas as orações, soletrar palavra por palavra. A fé dos mato-grossenses foi vista como próxima daquela do Antigo Testamento, onde o Deus era aquele que julgava de forma impiedosa e os homens, para se aproximarem da esfera sagrada, precisavam de mediadores, os santos. Jesus Cristo seria o maior de todos e a

---

<sup>29</sup> ELSING, J., op. cit., p. 161.

<sup>30</sup> Ibid., p. 75.

<sup>31</sup> Ibid., p. 33.

<sup>32</sup> KNOB, P., *A missão Franciscana de Mato Grosso: em comemoração aos 50 anos de fundação*, p. 53.

origem de toda a santidade.<sup>33</sup> A natureza era viva, dotada de alma e devia ser respeitada. Ou seja, acreditavam nos poderes da natureza tanto quando naqueles exercidos pelos santos.

Para frei Bassler, o Brasil, apesar de autodenominar-se Nação católica, permanecia num estado evolutivo já superado pela Europa e pelos Estados Unidos, ou seja, de um catolicismo exteriorizado para um catolicismo mais limitado numericamente, porém purificado e mais espiritual.<sup>34</sup> Nesta perspectiva linear, esquemática e evolutiva, todos os países deveriam passar obrigatoriamente por estágios inevitáveis. Esses, depois de ultrapassados, levariam às noções mais ortodoxas. Entre os empecilhos à atividade missionária, estariam a inexistência de vias de comunicação, a extensão territorial, a rarefação demográfica, a escassez de rendas paroquiais, a “ferocidade” dos indígenas e seu desinteresse pela catequese, a recusa da população em internalizar as normas católicas e de manifestar publicamente sua fé, a decadência moral da sociedade, a disputa pelo mercado religioso com os protestantes e espíritas, o desconhecimento das línguas faladas, o calor e as diferenças culturais e étnicas.<sup>35</sup>

As lutas pelas manutenções das fronteiras, pelas posses das terras e pelo poder político, aliadas às atividades pecuaristas e extrativistas, formaram uma sociedade regida por valores militares e pelo modo de vida campeiro. Havia uma predisposição para a luta, a violência, a guerra e a valorização das habilidades físicas, como o trato com o gado, armas e facas. Esses valores geraram uma opinião pública antirreligiosa e anticlerical e um veto à vivência pública da fé católica, que incluía homens, mulheres e crianças. Essas se mostravam pouco receptivas à religião institucional; sua presença nas igrejas era exígua, porém não menor que a do elemento masculino. Como as paróquias não registravam nenhum movimento religioso, os frades não tinham como sobreviver dignamente nem dispunham de recursos para reformar ou construir igrejas ou casas paroquiais.

Diante do novo, e da impossibilidade de conservar intactas as formas tradicionais de pastoral, centrada na sede paroquial, foi necessário construir uma metodologia de trabalho que se adequasse à região. Isolados e sem a possibilidade de

---

<sup>33</sup> KNOB, P., op. cit., p. 181-182.

<sup>34</sup> ADC, Campo Grande, 31 ago. 1952.

<sup>35</sup> A diocese de Corumbá era considerada pelo episcopado e clero como a maior diocese do mundo. Frei Jorge Elsing, ao iniciar sua atividade missionária no Mato Grosso, em 1961, repetia para si constantemente: “Ó amplidão de Mato Grosso, tu me destróis ou me fazes mais forte!” Ibid., p. 45.

reunirem-se para avaliar os resultados, cada frade teve de encontrar soluções para os impasses que se apresentavam. A pastoral desenvolvida foi constantemente revista, negada, revisada, transformada em respostas às novas exigências, estratégias e saberes adquiridos. Nas paróquias mais extensas, centralizava-se em torno das visitas de desobriga e missionárias às residências, povoações, sítios e fazendas. Cerca de 90% da população residia no meio rural e estava sem assistência religiosa regular. Muitos adultos nunca teriam recebido os sacramentos e a maioria apenas um ou dois. As visitas de desobriga tinham como objetivo principal o cumprimento do preceito da confissão e comunhão anual no *tempo pascal*.<sup>36</sup> As visitas missionárias eram realizadas em outras épocas do ano. Ambas tinham como fim instruir sobre a doutrina católica, administrar os sacramentos, assistir os doentes, benzer as casas e regularizar a situação religiosa. Caso o padre tivesse conhecimentos de medicina, atendia aos doentes, prescrevia remédios importados da Alemanha, assim como ervas medicinais alemãs e brasileiras. Assim, as práticas médicas alemãs fertilizaram-se com as indígenas, africanas e brasileiras, disseminando novas formas híbridas. Muitos doentes percorriam centenas de quilômetros para tomar Aspirinas (ácido acetilsalicílico), vermífugos e depurativos fabricados nos laboratórios da *Bayer*.

Uma viagem de desobriga ou missionária poderia durar vários meses ou a maior parte do ano, quando eram visitados até cento e vinte pousos ou lugares. As distâncias entre um local e outro eram significativas e, mesmo na década de 1940, podia-se descobrir gentes e terras ainda desconhecidas. Essa pastoral era considerada como a única forma eficaz de evangelização daquelas “vastidões de Mato Grosso”.<sup>37</sup>

Os Franciscanos, num primeiro momento, percorriam o interior das paróquias sem um roteiro definido. Frei Francisco Brugger, por exemplo, realizou por dez anos, a partir de 1949, visitas de desobriga e missionárias que duravam oito meses, quando percorria milhares de quilômetros. Na ida e na volta, rezava missas e administrava os sacramentos às pessoas que encontrava no caminho ou que casualmente sabiam de sua

---

<sup>36</sup> Na Pastoral de 1915, o tempo pascal, no sentido litúrgico, era definido como o período compreendido entre o Domingo de Palmas e o da Oitava de Páscoa. No Brasil, pela Constituição *Trans oceanum*, de 18 de abril de 1897, o tempo pascal decorria desde o domingo da septuagésima até a oitava da festa de *Corpus Christi*. Por privilégio especial, podia-se cumprir o preceito desde a septuagésima até o dia de São Pedro e São Paulo. A Santa Sé prorrogou o indulto até o final da Segunda Guerra Mundial. PASTORAL coletiva dos senhores arcebispos das províncias eclesíásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuyabá e Porto Alegre, p. 54.

<sup>37</sup> ELSING, J., op. cit., p. 157.

presença.<sup>38</sup> Sua permanência era breve, de poucas horas até dois dias, e sua pastoral apoiava-se na devoção e culto aos santos e às almas do purgatório, nas bênçãos eclesiais e na administração dos sacramentos.<sup>39</sup> Os caminhos eram raros e, muitas vezes, a linha telegráfica ou os trilhos do trem serviam de referência para as trilhas que existiam. Muitas vezes, os missionários viajavam acompanhados por um guia, indivíduo que os acompanhava a fim de guiá-los nas regiões pouco conhecidas. Mesmo quando o guia era experiente, era comum perderem-se por várias horas.

A partir das primeiras décadas de experiências, as visitas pastorais e missionárias foram consideradas ineficazes e novas estratégias pastorais foram criadas, com vistas a obter uma maior racionalidade, aproveitar melhor os poucos recursos humanos disponíveis e tornar o trabalho missionário mais fecundo e centralizado. Tornou-se obrigatório estabelecer roteiros pré-estabelecidos para que as populações fossem atendidas com maior regularidade. Todas as capelas, povoados e fazendas mais populosos tinham de ser incluídos nos roteiros para que fossem visitados pelo menos uma vez por ano e os menores uma visita a cada dois ou mais anos. Nas visitas, a prioridade seria administrar os sacramentos, instruir os fiéis, ensinar os leigos a administrarem o batismo e a extrema-unção em situações que requeriam urgência, e quando possível, poderiam ser criadas associações religiosas. Essas seriam geridas, na ausência do padre, pelos próprios leigos.

Nos locais mais populosos ou que tinham escolas rurais, foram criadas estações missionárias, onde eram construídas capelas.<sup>40</sup> Posteriormente, foram construídas obras assistenciais e estabelecimentos de ensino católicos, entregues à administração de religiosas. Nas estações, residiam um ou mais missionários, conforme a necessidade, que exerciam as funções de pároco. A estratégia era intensificar a vida religiosa por meio de uma pastoral catequética regular, pela criação de associações religiosas e pelo incremento da participação nas práticas sacramentais. A construção de centros religiosos evitava que o padre tivesse que percorrer longas distâncias. Com o incremento religioso, essas estações poderiam ser elevadas à sede paroquial.

---

<sup>38</sup> Ibid., p. 127.

<sup>39</sup> Ibid., p. 136.

<sup>40</sup> As estações missionárias seguiam o modelo da *Propaganda Fide* para as Prelazias. Na Prelazia da Chapada dos Guimarães, não foram criadas paróquias e as que já existiam perderam os foros. Existiam apenas estações missionárias. KNOB, P., op. cit., p. 185.

As experiências adquiridas, os diálogos culturais e as traduções realizadas transformaram para sempre os franciscanos. Ao ensinar, acabaram aprendendo e inventando novas soluções para os problemas que enfrentavam. As vestimentas modificaram-se com a substituição das cores escuras, que se mostraram inadequadas devido ao calor, por outras de cor clara e de tecido mais leve. O chapéu de palha recebeu abas mais largas para protegerem do sol a cabeça e os ombros. O poncho, a rede para dormir, uma lata média para ferver a água e cozinhar e o altar portátil tornaram-se itens indispensáveis.<sup>41</sup> As capas de borracha mostraram-se inadequadas, devido ao calor excessivo. A interação também transformou a dieta alimentar. A matula constava de vários gêneros alimentícios indispensáveis, como: carne assada, carne seca, rapadura, farinha de mandioca e farinha de trigo para confeccionar as hóstias. Nas refeições, eram utilizadas como prato folhas de árvores e dispensava-se o uso de garfo e faca. A paçoca era o prato preferido<sup>42</sup> e a bebida mais apreciada e indispensável era a aguardente, pois compensava as dificuldades e aliviava as tensões. Todos os missionários adquiriram o hábito de bebê-la diariamente, assim como o hábito de fumar e apreciar arroz com feijão, galinha com molho e rapadura de sobremesa.<sup>43</sup> Era comum o porte de armas para defesa pessoal ou caça, para complementar o cardápio. Onças pintadas e cobras eram os que mais amedrontavam. À noite, eram acesas fogueiras para afugentá-las. Os frades tiveram também de adaptar-se ao banho de rio e a observar quais os locais em que poderiam realizá-lo em segurança, devido às piranhas. A inexistência de edifícios religiosos tornava obrigatórios os improvisos, como administrar os sacramentos ou celebrar as missas com um altar portátil, geralmente numa residência ou sob as árvores.

Viajar por várias horas e dias obrigava os missionários a cultivar distrações para ocupar seu tempo, tais como: rezar as orações e cantos, realizar observações acerca da paisagem e fazer brincadeiras. Após percorrer longas horas, confessavam que já tinham cantado todos os cantos, rezado todas as orações e o silêncio se impunha. Era possível percorrer-se de trinta a cinquenta quilômetros sem se encontrar uma casa e uma estreita picada era o único indício de presença humana. Brincar com a própria sombra, de acordo com a posição do sol, e observar a flora e fauna, ouvir os sons dos cascos da

---

<sup>41</sup> Poncho era um pano grosso forrado que cobria o cavalo e o cavaleiro.

<sup>42</sup> Era feita de carne seca, cortada em cubos pequenos, e após ser fervida em água era misturada à farinha e socada em um pilão. Após ser feita, poderia ser armazenada por vários dias. Era consumida nas refeições com muita água.

<sup>43</sup> ELSING, J., op. cit., p. 14.

mula ou cavalo eram as ocupações principais. Elsing testemunhou que “andava várias milhas sem avistar sinal de presença humana, nem uma casa.”<sup>44</sup> A viagem era interrompida apenas pela presença inesperada de animais que surgiam de surpresa, pela variação da vegetação ou do relevo, pelo encontro de uma roça, casa ou posto de vigilância militar. Apesar disso, solidão não significava aborrecimento nem tédio, pois se compraziam diante das surpresas, que os distraía. A percepção do tempo era mais lenta e não havia uma data para o retorno ao local de origem. Como as distâncias entre o ponto de partida e o de chegada eram sempre consideráveis, não se falava em quilômetros, mas em léguas, que correspondiam a seis mil e seiscentos metros. Percorrer 20 léguas a cavalo era apenas um passeio e empreender uma viagem era percorrer uma ou mais centenas de quilômetros. As distâncias eram definidas também pela ausência de aglomerações urbanas ou rurais. Situar-se “longe” ou “perto” queria dizer uma representação espacial que designava a proximidade ou distância com os signos de civilização, ou seja, demarcava diferenças culturais mais do que distâncias geográficas.<sup>45</sup> A hospitalidade dos mato-grossenses compensava as dificuldades e privações encontradas nas viagens. Os frades sempre eram recebidos com mesuras e convidados a participar das refeições.<sup>46</sup> A aspereza do anfitrião era motivada, na maioria das vezes, pelo pertencimento a outra religião.

Os missionários recebiam dos bispos amplas faculdades, algumas restritas à autoridade episcopal, como crismar, conceder bênçãos nupciais *extra missam*, rezar três missas aos domingos e dias santos, celebrar duas missas na primeira sexta-feira de cada mês e celebrar sem ministro.<sup>47</sup> Nesses casos, o bispo deveria ser comunicado das dispensas concedidas para regularizá-las. As dificuldades inerentes ao trabalho pastoral em locais isolados e sem infra-estrutura exigiam que o episcopado e os franciscanos encontrassem formas de simplificar as legislações eclesiásticas a fim de torná-las mais ágeis e flexíveis. Para os bispos, o mais importante era atender e regularizar a situação religiosa dos fiéis.<sup>48</sup> A dificuldade em transportar água benta e o pequeno período de tempo que os padres permaneciam em cada local, por exemplo, motivou a busca de

---

<sup>44</sup> Ibid. p. 32.

<sup>45</sup> GALETTI, L. S. G. **Nos confins da civilização**: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso, op. cit., p. 88-89.

<sup>46</sup> ALMEIDA, F. F. M. A serra de Maracaju: a paisagem e o homem, p. 76.

<sup>47</sup> Os padres deveriam, onde era possível, instruir algumas pessoas para ajudá-los na missa. Esse privilégio poderia ser exercido somente em caso de extrema necessidade. ADC, 7 abr. 1927; Priante, V. B. M., Circular n. 54, 3 de jan. 1942.

<sup>48</sup> ADC, D. Antonio de Almeida Lustosa, Faculdades F (1930).

fórmulas mais simplificadas para administrar os sacramentos e sanar os impedimentos eclesiais. Priorizava-se a agilidade, a economia dos esforços e a desburocratização para se resolver os impedimentos estabelecidos pela legislação eclesial.<sup>49</sup> Em qualquer época do ano, era permitido administrar a bênção nupcial, mesmo nos tempos “fechados”, como a Quaresma. Nesses casos, recomendava-se evitar cerimônias pomposas.<sup>50</sup> Em viagem fluvial, tendo condições a bordo e estando o rio calmo (para evitar que o vinho consagrado derramasse), poder-se-ia celebrar missa. Estando distante da matriz, não existindo oratório público e sendo conveniente a celebração da missa, o clero estava autorizado a celebrá-la em altar portátil, escolhendo para tal um lugar decente. Caso os santos óleos fossem antigos (menos de dois anos), mas não se encontrassem deteriorados, e o padre estivesse impossibilitado de encontrar novos, apesar da diligência, poderia reutilizá-los.

Tanto os frades como os mato-grossenses foram transformados pela diáspora dos franciscanos, experiência cultural de mão dupla marcada por tensões e conflitos. Ao traduzirem-se, reinterpretarem ideias e costumes, ressignificaram expressões culturais nos termos do seu sistema simbólico e adotaram uma postura menos autoritária e mais compreensiva diante das diferenças. Essas rápidas cumplicidades e relações menos assimétricas foram marcadas pela “estrangeiridade” e pelas intenções de purificá-las do que consideravam excessos e erros. Mergulhados em mundos de outras línguas, compreenderam que eles eram os *outros*: estranhos, brancos, alemães e europeus. A linha que os separava era linguística, cultural, religiosa e étnica. Por meio das negociações culturais, repletas de conflitos e tensões, eles modificaram e transformaram as suas formas de ver as manifestações religiosas, refizeram suas apreciações e expectativas futuras e reconstruíram suas identidades.

Assim, a fé foi considerada real e profunda, por ser seguida com rigor e seriedade. Expressões como “Se Deus quiser!”, “O que Deus faz é bem feito!”, “A bênção, padre!” seriam reveladoras da submissão ao poder divino e à vontade de Deus.<sup>51</sup> O costume de benzer os negócios, plantações, animais e objetos de devoção eram apenas tolerados, e as pessoas que solicitavam tais bênçãos tratadas com respeito,

---

<sup>49</sup> O padre, encontrando-se em dificuldade para conseguir água benta no sábado de Aleluia ou Pentecostes, podia benzer a água batismal com a fórmula breve de Paulo III. ADC, LUSTOSA, A. A., **Faculdades F**, 1931.

<sup>50</sup> ADC, 10 jan. 1930.

<sup>51</sup> ELSING, J., op. cit., p. 54.

mas demarcando sua inferioridade e ignorância. As promessas e orações fortes eram condenadas por “explorar o poder de Deus em seu próprio proveito e tê-lo em seu poder.”<sup>52</sup> Porém, ao cederem aos apelos, endossavam essas manifestações e sentiam-se igualados aos “macumbeiros”.<sup>53</sup> A devoção aos santos, “dos quais apenas conheciam o nome, mas nenhum fato da vida deles”, poderia ser uma forma de “adorar seus antigos deuses africanos, cujo nome talvez nem mais conheçam”.<sup>54</sup> A atribuição de poderes de cura a determinadas plantas e demonstrações de respeito aos seres protetores da natureza eram vistas como reminiscências das religiões indígenas. A recepção dos sacramentos era considerada um “bom costume”, porém não compreendiam o caráter simbólico da prática sacramental nem as graças conferidas por elas.<sup>55</sup> Os mato-grossenses estimavam mais a oração diante das imagens dos santos do que as práticas sacramentais. Por isso, os frades passaram a valorizar as procissões e rezas a um determinado santo.<sup>56</sup> Outro exemplo desta reelaboração é o relato de frei Elsing:

Lembro-me de um velho negro que em uma de minhas primeiras viagens encontrei diante de sua cabana de palha toda torta; pensei na ocasião: “Que preguiçoso decaído!” Mais tarde envergonhei-me de meu mau juízo, ao conhecê-lo mais de perto. Com que “alma” contou-me ele a respeito de sua vida. Nele tudo foi vivido profundamente e nada ficou em seu íntimo sem ser atingido pela alma. Ele ama os seus e vive inteiramente para eles; é trabalhador e tem uma religiosidade profunda, que se expressa com toda a prudência e deixa transparecer nas diversas formas de piedade que aprecia.<sup>57</sup>

O fato de os mato-grossenses crerem na providência divina que dirigia o mundo, regido por um Deus benevolente que os observava, protegia, socorria, compreendia e julgava era visto como expressão de uma fé sincera. O culto aos santos, o uso de amuletos e bentinhos, e as promessas para obter benefícios temporais seriam o resultado do desconhecimento da doutrina. Seria uma fé direta e natural. O sacrifício de percorrer longas distâncias para assistir a missa anual ou batizar um filho e a disposição a qualquer hora para a benção, missas, procissões ou penitências eram considerados como

---

<sup>52</sup> ELSING, J., op. cit., p. 35.

<sup>53</sup> Os mato-grossenses frequentemente dirigiam esse apelo ao clero: “Padre, benze meu negócio, pois há uma semana meu movimento diminuiu muito; só pode ser um mau-olhado que causou isso.” Ibid., loc. cit.

<sup>54</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>55</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>56</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>57</sup> Ibid., p. 49.

uma “verdadeira profissão de fé na Igreja Católica”.<sup>58</sup> A solidariedade com os menores abandonados e idosos, a docilidade no trato com as pessoas e o respeito ao padre eram vistos como sinal de amor ao próximo e revelação de sua atitude cristã. Esses eram valores considerados dignos de louvor. Segundo o clero, o mato-grossense sabia que Deus era bom e que os santos o protegiam de todos os perigos cotidianos. A devoção aos santos seria a redenção dos mato-grossenses, pois os preservaria da expansão das religiões concorrentes. As cumplicidades, afinidades emocionais e um contato mais sensível com o mundo a ser compreendido são frequentemente interrompidos por representações culturais intolerantes, assimétricas, autoritárias. Essas compreensões seriam decorrência da degeneração dos fundamentos da religião católica e dos símbolos culturais hibridizados. Como cristãos primitivos, ainda na infância, amoldavam seus corações à simplicidade e à prática do bem. Porém, não seriam católicos em relação a um *outro* “cristão médio” da Alemanha.<sup>59</sup>

Essas narrativas culturais são construções que legitimavam sua autoridade sobre o Mato Grosso e suas populações, que atendiam a interesses da Ordem e da missão de Mato Grosso e tinham destinatários determinados, como benfeitores e membros da hierarquia eclesiástica. Conhecer, compreender, tinham como fim conquistar, dominar, disciplinar, governar e tutelar. A invenção de um *outro* com imagens invertidas, negativas é parte constituinte de um *eu* com imagens positivas (cristão, lógicos, racionais, inteligentes, entre outras qualidades). Said, ao analisar a autoridade do Ocidente sobre o Oriente, afirmou que ela “[...] é formada, irradiada, disseminada; é instrumental; é persuasiva; tem posição, estabelece padrões de gosto e valores; é virtualmente indistinguível de outras idéias que dignifica como verdadeiras e das tradições, percepções e juízos que forma, transmite, reproduz.”<sup>60</sup>

A premissa da descrição é a exterioridade moral e existencial com relação ao *outro* que descreve. Um *outro* distante, diferente moral e culturalmente, amorfo, ameaçador, desprovido de energia e iniciativa. Ao representá-lo, os franciscanos os silenciam, evidenciando as relações de poderes que permeiam esses campos: como os sertanejos não podem representar a si mesmos, os missionários falam em seu lugar. Assim, reforçam os preconceitos, a exclusão social e cultural e negam uma abertura incondicional com relação ao diferente, ou seja, ao contexto multiétnico, plurilíngue,

<sup>58</sup> Ibid., p. 35.

<sup>59</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>60</sup> SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**, p. 31.

multinacional e culturalmente heterogêneo de Mato Grosso. A organização da Igreja Católica em Mato Grosso também foi analisada sob o prisma da diferença: os arquivos paroquiais inexistiam ou eram mal organizados, os registros paroquiais eram incompletos, a legislação eclesiástica era negligenciada e burlada pelos bispos e pelo clero, as irregularidades eram acobertadas e tudo era realizado com descaso. Como decorrência, um cenário de atraso religioso em relação ao restante do Brasil e de outros países.

A diáspora franciscana e as hibridações decorrentes foram fonte criativa e poderosa de produção de novas formas de cultura e representaram também custos e perigos. Por ocasião da Segunda Guerra Mundial e do rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, os religiosos e religiosas estrangeiros, sobretudo de descendência alemã e italiana, foram alvos de denúncias, de repressão policial e de ameaças de morte. Nesse momento de tensão, acirrou-se a xenofobia, sobretudo com relação aos alemães, italianos e japoneses, por ameaçarem a soberania nacional e subverter as identidades estabelecidas e estáveis. As certezas estavam sendo perdidas e os mato-grossenses perceberam que a mundialização da cultura tinha chegado ao seu cotidiano, reorientando a organização da sociedade. Os fluxos de imigrações e migrações e as trocas culturais fronteiriças com o Paraguai e a Bolívia diversificavam as culturas e pluralizavam as identidades, inaugurando processos de “minorizações”, minando lentamente a desejada homogeneidade cultural e introduzindo cada vez mais a diferenciação e as hibridações. As influências externas poderiam conduzir ao caos, à anomia e à impureza e deveriam ser expurgadas. Criavam-se fronteiras entre fronteiras, entre o certo e errado, o tolerável e o intolerável, o legítimo e o ilegítimo, entre o nacional e o alienígena.

Esses discursos defendiam que uma cultura pode ser definida e protegida por suas fronteiras geográficas, encerrando ali apenas o que seria genuíno, para reforçar os laços e a lealdades culturais. Houve um fortalecimento dos particularismos, do nacionalismo defensivo e “racializado”, da brasilidade, em oposição ao estrangeiro, que desrespeitava as leis e modificava *nossos* hábitos, comportamentos e valores. O apego a esses modelos unitários, fechados, assumiu, algumas vezes, formas violentas. Os freis foram perseguidos e acusados de serem estrangeiros, alemães e ultramontanos. A ofensiva da Igreja Católica, para reverter a não submissão da população às normas católicas e para impor como legítima sua representação de mundo, centrava-se na

consolidação da sua presença na sociedade.<sup>61</sup> As estratégias intervencionistas e a visibilidade maior de que a Igreja Católica passou a desfrutar acirraram a xenofobia e o anticlericalismo.

Em Santana do Paranaíba, o Oficial do Registro Civil discordava do pároco a respeito da importância do casamento religioso em relação ao civil. Para ele, “fazer casamentos religiosos sem casamento civil prévio é crime contra o Brasil praticado por estrangeiros”.<sup>62</sup> A diretora da escola não permitia o ensino religioso ministrado pelos frades e eram constantes os pedidos de deportação do pároco de Mato Grosso. Desse modo, esses frades deixaram de atuar na paróquia de Santana do Paranaíba e as Irmãs Bernardinas retiraram-se de Mato Grosso. Em Dourados, Ricardo Laetteck (frei Higino) e Francisco Pedro Schaefer (frei Quintino), foram acusados de serem espiões, de fazerem propaganda nazista, de manterem emissoras de rádio e tiveram a casa paroquial revistada pela polícia em busca de material nazista.<sup>63</sup> Foram encontrados documentos em língua alemã, armas e instrumentos topográficos e fotográficos que, para a polícia, não tinham relação com a missão religiosa.<sup>64</sup> De abril a junho de 1942, por tornarem-se suspeitos de agir contra a segurança nacional, tiveram prisão domiciliar, as armas que portavam foram apreendidas, foram proibidos de deslocar-se para fora dos limites da sede paroquial sem salvo conduto, e não podiam exercer ofícios religiosos. Posteriormente, em 2 de junho de 1942, como não foram comprovadas as suspeitas, essas medidas foram revogadas.<sup>65</sup> Apesar disso, o Estado Maior do Exército cobrou providências enérgicas do bispo de Corumbá, D. Vicente, com relação aos frades Antônio, Pedro e Octaviano e às freiras de Dourados e Entre Rios. Eles teriam, em seus pronunciamentos, criticado o Brasil e os brasileiros.<sup>66</sup> Os párocos de Paranaíba e Aparecida do Taboado também foram presos no quartel de Três Lagoas, entre 22 de março e 3 de maio de 1942. Esse episódio foi conhecido como “Cativeiro Três-lagoense”. Os frades que prestavam assistência religiosa aos japoneses foram acusados de serem “para-quedistas alemães”.

---

<sup>61</sup> A hierarquia eclesiástica preocupou-se em construir edifícios religiosos, erguer cruzeiros, expandir seus quadros de pessoal e difundir instituições, tais como escolas, seminários e associações devocionais.

<sup>62</sup> ADC, Santana do Paranaíba, 30 jul. 1943.

<sup>63</sup> ADC, Campo Grande, 17 jun. 1942.

<sup>64</sup> Em Dourados, o porte de uma arma era imprescindível, pois corria-se o risco, sobretudo à noite, de encontrar animais selvagens, bandidos, indivíduos embriagados e até um índio que seria antropófago. ADC, Dourados, 13 jul. 1942.

<sup>65</sup> ADC, Campo Grande, 1 jun. 1942.

<sup>66</sup> ADC, LEME, S., Rio de Janeiro, 30 set. 1942.

Em 1942, as Irmãs Franciscanas de Bonlandem fundaram uma escola paroquial em Rio Brillhante. A legislação estadual não permitia a estrangeiros, especialmente dos países do eixo, lecionar nas escolas, mesmo sendo membros de Congregações Religiosas. As Irmãs foram perseguidas e impedidas de dirigir a escola paroquial, por serem estrangeiras. Em fins de 1943, retiraram-se da paróquia devido às perseguições políticas, ao isolamento geográfico, ao pequeno número de matrículas e ao fato de as condições locais não corresponderem às promessas feitas.<sup>67</sup> Em Campo Grande, muitos imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses foram perseguidos, presos e suas casas apedrejadas ou queimadas. Os japoneses foram os mais perseguidos e, por temerem novas represálias, recusaram o trabalho dos Franciscanos, por serem também estrangeiros.<sup>68</sup>

Na década de 60, o envelhecimento dos quadros de pessoal, a recusa em aceitar vocações brasileiras e o aumento do trabalho pastoral obrigaram o Comissariado a entregar várias paróquias e a concentrar seus esforços na formação de centros regionais.<sup>69</sup> A vida comunitária e o exercício da fraternidade, carisma da Ordem Franciscana, estavam ameaçados. Muitos confrades não conseguiam adaptar-se à vida comunitária. Para superar o cansaço físico e os problemas de saúde decorrentes das viagens, muitos missionários recorriam ao álcool. A vida comunitária nos conventos favoreceria a retomada do carisma da Ordem e os estudos doutrinários. Foram entregues as paróquias mais isoladas e que não geravam rendas.<sup>70</sup> Colocava-se a possibilidade de dissolver a missão franciscana no Mato Grosso por falta de membros.<sup>71</sup> Após viverem longos anos isolados dos confrades, muitos frades não desejavam mais trabalhar em outras condições e, por não terem obtido êxito como missionários, tinham baixa autoestima. Recusavam-se a assumir tarefas conjuntas, não conseguiam mais se adaptar à vida comunitária e não estavam preparados para enfrentar as transformações sociais, culturais e econômicas que se apresentavam na região a partir da década de 1960. Os Franciscanos também se sentiam abandonados pelos bispos da diocese de Corumbá e

---

<sup>67</sup> APPM, Livro Tombo da paróquia de Porto Murinho, p. 21.

<sup>68</sup> KNOB, P., op. cit., p. 344.

<sup>69</sup> Eram três os centros: Rondonópolis, Campo Grande e Dourados.

<sup>70</sup> Foram entregues as paróquias de Aparecida do Taboado, em 1955; de Coxim e Maracaju, em 1956; e de Fátima de São Lourenço, em 1958. Posteriormente, nas décadas de 1960 e 1970, foram entregues as paróquias de Terenos, Cassilândia, Santana do Paranaíba e Porto Murinho. Na arquidiocese de Cuiabá, ocorreu o mesmo processo. Em 1944, os Franciscanos retiraram-se de Pirenópolis, diocese de Goiás.

<sup>71</sup> A partir de 1974, duas Províncias Franciscanas do Brasil atenderam os apelos da Custódia de Mato Grosso, em vias de extinção.

discriminados pelas demais Congregações religiosas: ao mesmo tempo em que sua presença era valorizada, eram excluídos ao serem destinados às paróquias mais isoladas e que não geravam rendas.<sup>72</sup>

O exílio e a condição de *entrelugares* são vivenciados como uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar, que não foi superada pelos ideais missionários. Para Said, o exílio gera sofrimentos, saudades e dores e é terrível de experienciar. Suas realizações “são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.”<sup>73</sup>

A diáspora afastou muitos frades por várias décadas, e outros para sempre, de sua terra natal. Apesar disso, mantiveram fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições. Eles tiveram que negociar suas identidades com as novas culturas, sem serem assimilados por elas.<sup>74</sup> Eles carregam consigo os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas em sua terra de origem. Suas identidades tornaram-se ainda mais pulverizadas, porque são o “produto de várias histórias e culturas interconectadas” e foram obrigados a renunciar à pureza cultural e étnica. Como afirma Hall, tornou-se impossível “voltar para casa”, eles passaram a pertencer a várias “casas” e não a uma única “casa”. Passaram a pertencer a vários mundos, transpondo fronteiras. Eles tiveram de “aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas.”<sup>75</sup>

Ao aposentar-se, depois de várias décadas no Brasil, a maioria retornou à Alemanha. A volta não se apresentou como um retorno a uma identidade homogênea e estável. Ao fazê-lo, tiveram a percepção de que não tinham mais casa, pois a Alemanha tornou-se irreconhecível. A ausência de lugar e de pertencimento fez com que se sentissem estrangeiros em sua própria terra natal. Na condição de entrelugar, há sempre algo no meio; viviam em trânsito e suas identidades encontravam-se móveis, múltiplas e híbridas, pois operavam dentro de referências diferentes de tempo e espaço.<sup>76</sup> No final dessa experiência diaspórica, os franciscanos e os mato-grossenses foram transformados

---

<sup>72</sup> A nomeação de Vunibaldo Talleur, em 1941, como prelado da Chapada dos Guimarães e, em 1948, como bispo de Dourados, foi a única exceção, e demonstrava o reconhecimento da hierarquia eclesiástica mato-grossense e brasileira ao apostolado franciscano em Mato Grosso.

<sup>73</sup> HALL, Stuar. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais, p. 46.

<sup>74</sup> Ibid., p. 88.

<sup>75</sup> Ibid., p. 89, 416.

<sup>76</sup> HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais, p. 37.

na mesma intensidade e de forma irreversível, impossibilitando a volta ao mesmo lugar onde estavam antes.<sup>77</sup> As culturas híbridas e as identidades desalojadas, desvinculadas, não eram inteiramente novas em Mato Grosso. Desde sua formação histórica, a região foi, e continua sendo, cada vez mais, uma região multiétnica, plurilíngue, multinacional e híbrida cultural.

### Referências

ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de. **Jovens indígenas e lugares de pertencimento**: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e da Memória. Laboratório de Estudos do Imaginário, 2007.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Trad. Lélío Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**: a atualidade da antropologia. Trad. Francisco Manoel da Rocha Filho. Petrópolis: Vozes, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Ed. da UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

ELSING, J. **Entre os rios Paraguai e Paraná**: experiências e reflexões de um missionário franciscano no Mato Grosso. São Paulo: Loyola, 1988.

GALETTI, L. S. G. **Nos confins da civilização**: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso. São Paulo, 2000. 520p. (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

KNOB, P. **A missão Franciscana do Mato Grosso**: em comemoração dos 50 anos de fundação. Campo Grande: Custódia das Sete Alegrias de Nossa Senhora de Mato Grosso, 1988.

QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência. Ou a literatura do exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

---

<sup>77</sup> CHAMBERS, citado por HALL, Stuart, op cit., p. 35.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.